

OBSERVAÇÕES DE WILHELM CHRISTIAN GOTTHELF VON FELDNER ENTRE OS MAXAKARÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX

HANS BECHER

(*Niedersächsisches Landesmuseum, Hannover*)

Em aditamento ao relatório de Curt Nimuendajú sobre os Maxakarí inserido no volume VI da Revista de Antropologia (São Paulo, 1958), desejo publicar aqui alguns informes de um viajante alemão que esteve entre esses índios na primeira metade do século passado. Trata-se de Wilhelm Christian Gotthelf von Feldner, técnico de mineração e autor quase desconhecido, do qual não se faz menção na bibliografia etnográfica, pelo que nos parece interessante dar primeiro uma breve notícia biográfica.

Wilhelm Christian Gotthelf von Feldner nasceu no dia 6 de setembro de 1772 em Goschütz, na Silésia. Era um dos sete filhos de um pastor luterano, que vivia em precárias condições econômicas. A primeira instrução recebeu-a o menino de seu pai; em 1876 passou a freqüentar, juntamente com o segundo irmão, o ginásio de Oels, onde tomou a decisão de se dedicar mais tarde ao estudo das ciências jurídicas. A morte súbita do pai, em 1789, obrigou-o a desistir do plano e a trabalhar como tarefeiro na mina de arsênico de Reichenstein. Por desavenças com um chefe deixou o lugar, assinando em 21 de setembro de 1803 um contrato com a embaixada real portuguesa de Berlim, que na época angariava mineradores alemães.

Para não viver sozinho em terra estranha, casou-se, antes da viagem, com Friederike Schwerin, filha órfã de um colega de seu pai. Em outubro de 1803 o casal partiu de Berlim, viajando via Hamburgo, Rendsburg e Tönning (na ocasião o Elba estava bloqueado) para Lisboa, aonde o navio, em consequência duma grande tempestade no golfo de Biscaia, chegou somente em fins de novembro.

Feldner foi logo encarregado de uma viagem de prospecção mineralógica e, a seguir, nomeado diretor da mina de carvão nos arredores do Porto. No exercício do cargo teve de enfrentar chicanas e dificuldades de toda sorte, mas conseguiu, assim mesmo, dirigir a empresa a contento, obtendo o posto de tenente e passando para o estado-maior da artilharia.

Depois da campanha contra as forças napoleônicas que haviam invadido o país, Feldner pediu demissão. Não lhe foi concedida e rece-

beu ordens de viajar para o Brasil, onde devia passar a parte restante do seu período contratual de serviço. Como em sua pátria não havia boas expectativas para o exercício de sua profissão, não teve outro remédio senão acatar as ordens recebidas, ainda mais porque, além da esposa, tinha de sustentar mais três filhos, o menor dos quais com meio ano de idade. Em março de 1810 embarcou com sua família, juntamente com mais 400 pessoas, num navio de transporte, que aportou ao Rio de Janeiro após uma viagem de sessenta dias.

O príncipe regente, recebendo-o com muita mercê, promoveu-o a capitão e enviou-o em fins de junho à Província do Rio Grande do Sul com o encargo de examinar uma jazida de lignito havia pouco descoberta. Seguiram-se viagens semelhantes a outras províncias, por um período de sete anos, em que raramente lhe era dado estar com a família. Em 1817 instalou na Fazenda Real de Santa Cruz, perto do Rio de Janeiro, uma carvoaria, que depois funcionou sob a sua direção.

A pedido seu, foi enviado a Viena, em 1820, a fim de transmitir à corte a notícia do nascimento da primeira filha da princesa imperial. Ao mesmo tempo foi promovido a tenente-coronel e agraciado com a cruz da Ordem de Cristo, à qual o imperador da Áustria juntou a da Ordem de Leopoldo. A viagem, que se estendeu por dezoito meses, deu-lhe ensejo para visitar a mãe, na Silésia, o que o alegrou mais do que todas as distinções honoríficas. Em Berlim foi atacado de grave pneumonia, de cujas conseqüências nunca se restabeleceu inteiramente.

De volta ao Rio de Janeiro, foi incumbido de conduzir à fábrica de ferro de São João de Ipanema, na Província de São Paulo, um grupo de trabalhadores especializados que trouxera da Alemanha. Quando, daí a pouco, D. João VI regressou à metrópole, obteve permissão de o acompanhar. Com sua família, que então contava oito pessoas, embarcou num grande navio de transporte com capacidade para 800 passageiros. Em Portugal foi vítima da xenofobia reinante na corte e por mais de um ano nada se resolveu sobre a sua colocação e os vencimentos que devia perceber. Afinal em 1822 fizeram-no inspetor da mina de ouro de Adiça, de reduzidíssima importância. Quarenta dias após assumir o cargo tornou a adoecer de pneumonia, que o vitimou em dez dias. Faleceu com 50 anos incompletos, deixando a esposa e seis filhos em situação de desamparo. Apesar de todos os esforços, a viúva não conseguiu que o governo das cortes lhe pagasse os vencimentos atrasados e a pequena pensão que lhe cabia por força de contrato após quase vinte anos de serviços prestados pelo marido. Somente depois de restabelecidas as prerrogativas do rei, foi atendida, graças à ação conjunta do cônsul-geral hanseático A. F. Lindenberg, do pregador evangélico alemão Dr. Beller-mann e do Barão von Eschwege, amigo de Feldner, a solicitação da viúva, que então regressou à Silésia em companhia dos filhos.

Com os manuscritos deixados por Feldner a casa editôra G. W. Leonhardt, de Liegnitz, organizou uma obra em dois volumes, de 182 e 259 páginas, respectivamente, que foi publicada em 1828 sob o título de "Reisen durch mehrere Provinzen Brasiliens". O lucro da venda destinava-se a remediar um pouco a situação da viúva e dos filhos. O primeiro volume da obra traz uma descrição geral do estado econômico e cultural das províncias brasileiras; o segundo contém observações de viagem, um vocabulário da língua dos Botocudos, notas sobre algumas espécies da fauna brasileira, bem como a tradução da carta de Pero Vaz de Caminha. Um dos capítulos das observações de viagem trata dos índios Maxakarí ou, como lhes chama o autor, Machacarès (vol. II, págs. 141-152). É o que a seguir se reproduz e que, juntamente com o referido vocabulário do idioma dos Botocudos, representa a contribuição de Feldner ao conhecimento dos índios brasileiros. Modesta embora, contém contudo informes bastante valiosos sobre a vida dos Maxakarí em princípios do século passado.

Também Curt Nimuendajú parecia ignorar esse relato. Nas páginas em que trata do nome e da história dos Maxakarí e em que menciona todos os autores que escreveram sobre a tribo, não se refere a Feldner, nem à denominação Machacarès. A identidade entre os Machacarès de Feldner e os Machacalís (Maxakarí) de Nimuendajú é, porém, comprovada pelo fato de que os dois autores indicam os Panhame e os Patachos (Pataxô) como vizinhos dos Botocudos. Segundo Nimuendajú, a língua dessas tribos tem muita semelhança com a dos Maxakarí. Feldner, por sua vez, comunica não haver quase diferença entre os Maxakarí e os Panhame, os quais na época já se haviam fundido numa tribo só.

Segue-se o texto de Feldner:

Os Machacarès

Sem entrar em prolixas investigações genealógicas¹, creio poder afirmar que os Machacarès constituem a raça primitiva² dos índios mansos ou ditos domésticos dessas regiões. Não somente a formação do rosto e do corpo, como também costumes, opiniões e muitas outras qualidades o indicam. Zigomas vigorosos e, em geral, feições bem marcadas são comuns a todos os aborígenes brasileiros. Entretanto, essa fisionomia étnica se irá perdendo cada vez mais, pois os imigrantes brancos se empenham muito mais em aperfeiçoar os seus quase-irmãos do ponto de vista físico do que do moral. Os Machacarès usam amuletos de tipo igual ao dos índios domésticos e que consistem em três ou cinco sementes de uma fruta a que chamam curuanha³, bem como diferentes pedacinhos de madeira, raízes etc. Gostam de tirar os seus alimentos do reino vegetal, fazendo grandes viagens para obter batata-doce, e constituindo aldeias para, em comum, cultivarem bananas, mandioca, cará, batata-doce etc., como, por

exemplo, junto à aldeia do Capitão Tomé, no Mucuri. Os Patachos, Botocudos e outros, por seu turno, levam vida errante, preferindo alimentação de carne; mal deixam às suas mulheres o tempo necessário para plantar um pouco, que é sempre em quantidade insignificante.

Os Machacarès são fleumáticos, dóceis, deferentes e, ao mesmo tempo, gananciosos, invejosos, trapaceiros e tímidos. Toleram mais do que tôdas as outras tribos bravias, podendo, com algum cuidado, ser governados facilmente. Os Botocudos são muito mais obstinados e independentes; o meu companheiro de viagem, Simão, me prestava todo serviço, contanto que solicitado de maneira afável; prontificava-se a fazer qualquer coisa quando se lhe chamava *Simão arahè* (belo, amável); quando recebia alguma ordem de forma ríspida, respondia com gargalhadas ou até retrucava com o qualificativo *ton ton* (feio). Os Machacarès riam-se quando se lhes pedia um favor que exigisse o mínimo esforço e obedeciam somente quando se lhes falava com energia. Com os índios domésticos dá-se coisa semelhante.

O ciclo de vida de um Machacarè pode ser descrito com poucas palavras. Quando uma mulher está para dar à luz, chama a uma de suas companheiras; os homens que acaso estejam com ela no rancho ou pelo caminho, inclusive o próprio marido, não tomam conhecimento do fato e não se preocupam com nada. Nascida a criança, a mãe leva-a ao rio próximo, banhando-se junto com ela. Nos primeiros meses carrega a pequena criatura sobre a cabeça dentro de uma cesta oblonga, forrada de musgo (*Tillandsea*) ou de algodão, cobrindo-a com uma pele de animal. Logo, porém, que seja capaz de manter o corpo ereto, põem-na sentada, sobre a carga restante da mãe, dentro de uma correia de polegada e meia de largura, que a mãe leva prêsa à testa. Digo: sobre a carga restante, porque a mulher é o animal de carga do marido; é ela que transporta todo o trem doméstico, constituído de potes e cuias, gêneros alimentícios, como batata-doce etc. As mulheres são trabalhadoras; de fôlhas de tucum (uma palmeira) extraem uma espécie de linho, que fiam. Os homens apenas fazem arcos e flechas, vão à caça e somente a contragosto põem mãos a qualquer outro trabalho. A criança deixa de mamar por sua própria iniciativa. Logo que caminhe, deixam-na inteiramente à vontade, não a submetendo a nenhuma forma de educação, exceto quando, de vez em vez, se lhe põe em redor da fronte uma correia, como a acima mencionada, na qual, se no momento não há outra coisa por perto, se a faz carregar uma pedra para que se acostume a esta forma de transporte. À medida que vai crescendo o pequeno selvagem, êle se separa da mãe, procurando o convívio dos homens. Na companhia destes não tarda a se meter em umas tantas experiências de equilibrista. Assim, vi os meninos muitas vêzes trepados em árvores esbeltas até o ponto mais alto da copa, de onde tornavam à terra pelo pêso do próprio corpo, fazendo a árvore vergar-se; raramente ela baixava até o chão; desciam então com um

pulo ou procuravam alcançar um galho inferior, atingindo o solo ao longo do tronco da árvore. Os selvagens conhecem também a maneira de subir em árvores em uso entre os negros, que é a de amarrarem os pés. Os meninos constróem para si pequenos ranchos; têm arcos e flechas leves, que manejam com grande habilidade⁴. Acompanham os adultos na caça e fazem o papel de cães de caça. Vi um pequeno Machacarè de seus 12 a 14 anos de idade, que, na perseguição de uma anta ferida, tivera rasgado todo o lado esquerdo do corpo. A cicatriz se estendia do lado esquerdo, do peito até as costas. A perseguição da caça lhes aguça extraordinariamente o olfato e a vista. Descobrem qualquer pista de animal, por insignificante que seja, deitam-se ao lado dela no chão, cheiram-na e dizem há quanto tempo passou por aí o animal; com maior freqüência e segurança declaram-no com relação aos porcos (*Dicotyles*), à anta, à onça, menos facilmente com relação ao veado. Por meio do olfato descobrem também, ao toparem na mata ranchos indígenas abandonados, qual a horda a que pertenceram os moradores, se eram Patachos, Panhames, Machacarès⁵ ou Botocudos, quantos eram, quantas as mulheres dentre eles, há quanto tempo deixaram os ranchos etc.

Com seus dez ou doze anos o selvagem se torna moço, embora seja raro fundar economia própria antes dos vinte e cinco. Só então é que começa a tomar parte nas deliberações dos velhos, a pronunciar-se sobre o caminho a ser tomado pela horda, sobre os pousos a serem escolhidos com referência à caça e à pesca; e é então que constrói uma cabana própria para si e para os seus. Se consegue obter prestígio, se os seus conselhos muitas vezes foram os melhores, não tardará a ser o chefe da horda (principal, *princeps*), a qual daí por diante tem de sustentá-lo. Raramente volta a participar da caça e da pesca, fica deitado em seu rancho; os outros não o molestam e de bom grado lhe levam alimentos, para não lhe perturbarem as previsões e os sonhos, ocasião em que lhe vêm as melhores idéias. O chefe dos Machacarès que viviam comigo em Ponte do Gentio, chamado Capitão José, passava o dia deitado em sua cabana, sem empreender coisa alguma; até a comida lhe era posta na boca pelas mulheres. Todos lhe obedeciam; nunca ouvi entre êsses selvagens qualquer altercação, quer entre os homens, quer entre as mulheres. Ele parecia-me livre de toda paixão e muito justo: não tinha preferências por nenhum indivíduo da horda e na distribuição do produto da caça ou da pesca cuidava mais dos outros do que de si próprio. O sargento veio um dia dizer-me que todos os Machacarès estavam reunidos no rancho, tristes, negando-se a aceitar a farinha de mandioca. Indo lá pessoalmente, encontrei-os muito abatidos, alguns mesmo em lágrimas, e, depois de muito perguntar, soube que a alma do Chico (Francisco), índio falecido, da mesma horda, visitara de noite o Capitão José, comunicando-lhe que todos deviam morrer se não voltassem para Minas.

Só por pouco tempo consegui mantê-los comigo depois dessa aparição de Chico.

Não apreciam o gosto do sal, razão pela qual recusavam a carne seca salgada; tampouco pareciam gostar da farinha de mandioca.

Na mata andam inteiramente nus. Pouco deformam e pintam o corpo; amarram o *membrum virile* com um cipó, com auxílio do qual às vezes o prendem à perna direita.

Não se observam entre êsses selvagens quaisquer gestos indecentes, nem sequer se ouvem expressões obscenas; por outro lado, o que pode parecer incrível, veem-se crianças de dez a doze anos praticando o ato sexual, e os velhos não se opõem a isso, sendo que somente no caso de a coisa se dar muito publicamente enxotam os pequenos para o mato, rindo e chamando-os de cachorros. Num dia de descanso eu me sentara com a espingarda num tronco de cedro caído na queimada, com o intuito de espreitar as araras. Alguns dos selvagens estavam deitados a dormir, outros haviam ido pescar, os demais estavam na caça. Dois índiozinhos, uma menina de seis a sete anos, e um menino, a que eu dera o nome de Miguel, de nove ou, no máximo, dez anos, brincavam por perto; por causa do barulho que faziam, censurei-os repetidas vezes; ficaram quietos, pensei, em consequência de minhas admoestações; quando, porém, olhei para trás, vi as duas crianças montadas sobre o tronco de cedro e o pequeno Miguel estava prestes a alcançar o seu objetivo. Cheio de indignação, chamei o pai da menina, que estava em seu rancho; veio, atirou uns torrões de terra em direção das crianças, enxotou-as para o mato e, dando risada, voltou para o rancho. A poligamia é tradicional entre eles, mas são poucos os que têm mais de duas mulheres; não raro a filha é mãe de netos do pai⁶.

Nessa horda havia duas mulheres que, não tendo marido, moravam juntas numa cabana; recebiam o seu quinhão do produto da caça e da pesca, mas eram empregadas de preferência para levar cargas e buscar água, lenha etc., enquanto as demais mulheres se entretinham com a manutenção do fogo, o cozimento da comida etc. Como essa relação se tinha estabelecido não o sei dizer, mas parecia-me que os homens solteiros tinham intimidade com essas mulheres.

Os selvagens me falaram de uma singular orgia, a que se entregam, se é que posso dar crédito à narração. De sua aldeia propriamente dita afastam-se por um período que muitas vezes se prolonga por seis semanas ou dois meses e em que se ocupam com caça e pesca. De regresso, realizam a referida festa. A uns duzentos ou trezentos passos das demais habitações encontra-se uma cabana maior, isolada, em que moram dois ou três dos homens mais velhos. A êstes são vedadas quaisquer relações com mulheres, e a nenhuma mulher é permitido chegar até bem perto da cabana. Os índios reúnem uma porção de mantimentos, batata-doce, cará, bananas, castanhas de sapucaia, carne-seca, peixes secos etc. Num com-

partimento do rancho ergue-se uma armação, em forma de mesa, fechada de todos os lados com esteiras e peles. Logo que anoiteça, reúnem-se as mulheres em redor da cabana; uma dentre elas, previamente escolhida, é conduzida para o interior, ficando debaixo daquela armação; a seguir, todos os homens presentes, um após outro, também se dirigem para lá.

(Aqui se interrompe o manuscrito).

Quando, no Rio Pardo, fomos surpreendidos por violento temporal durante a confecção de uma canoa, refugiei-me no rancho dos Machacarès. Contaram-me que a trovoadas era produzida por um ser terrível, Akjanam, possuidor de grande barba úmida, a qual sacode a rosar, dela fazendo cair as gotas de chuva (ao trovão chamam Taei); disseram que Akjanam vive nas serras mais altas e é inimigo especialmente de todas as mulheres; mas que acima dele ainda está Matupa, criador de todas as coisas, do sol, Abangare, da lua, Platt, das estrelas, Adschik; que este é quem faz o rosnador andar por aí, mandando-o por fim embora.

Num assalto dos Botocudos às aldeias dos Machacarès, várias famílias destes foram inteiramente exterminadas, entre outras a de Mateu, meu companheiro na presente excursão. Foi ele o único que logrou escapar. O pai, após longa e desesperada luta, recebeu grave flechada no baixo ventre. Assim mesmo, conseguiram afinal levá-lo consigo e, com cuidado, tentaram extrair a flecha, que penetrara profundamente. “Não”, disse o selvagem, “os meus dois irmãos⁷ estão mortos; onde eles morreram, também eu quero ficar”. Quebrou a flecha, voltou correndo para seu rancho, matou a quantos inimigos aí havia e, encontrando-se assim vencedor, em pé, dentro de sua cabana, arrancou a flecha do ferimento, caindo sobre os cadáveres dos inimigos, para não mais se levantar.

NOTAS

1) De bom grado aceito um único Adão como avoengo comum meu e dos Machacarès. Mas considerar a estes como meus primos, por via de Sem, Cão ou Jafé, é-me tão difícil como acreditar, com Maillet, que os meus antepassados teriam vivido como tritões no mar. Dizer que a América foi povoada por um dos filhos de Noé é tão errado como admitir que a preguiça tenha migrado do monte Arará para a América do Sul.

2) Raça é termo usual para animais domésticos; o homem é dos animais domésticos o mais perfeito.

3) O fruto é do tamanho duma laranja; o metacarpo é seco, de gosto desenhado, adocicado. A semente se assemelha a uma castanha achatada.

4) Vi um pequeno Botocudo, de seus 8 a 10 anos, matar môscas e outros insetos com pequena flecha de ponta rombuda.

5) Os Machacarès e Panhames hoje em dia quase já não se distinguem uns dos outros; em parte se reuniram.

6) *Nulla inter illas invenitur virgo, quia mater inde a tenera aetate filiae maxima cum cura omnem vaginae constrictionem ingredientumque amovere studet, hoc quidem modo: manui dextrae imponitur folium arboris in infundibuli formam redactum, et dum index, in partes genitales immissus huc et illuc movetur, per infundibulum aqua tepida immittitur.*

7) O afeto do irmão pelo irmão é, entre os selvagens, maior do que o do pai pelo filho, o do marido pela espôsa.

(Tradução de Egon Schaden)